

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA



Organização

Profa. Dra. Bárbara Ramacciotti

São Paulo

2021

A551 Anais I e II Semana de Filosofia / organização Bárbara Ramacciotti
– São Paulo, 2021.

19 f.: il.

1. Filosofia. 2. Anais. 3. Metodologia. I. Ramacciotti, Bárbara,
org. II. Universidade Santo Amaro. III. Título.

Elaborada por Mônica de Almeida CRB8 / 9976

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
Profa. Dra. Bárbara Ramacciotti	1
ENSINO DE FILOSOFIA SOB A PERSPECTIVA DE NIETZSCHE.....	2
Rejane dos Santos Magalhães Sá	2
O ENSINO DE FILOSOFIA E AS CONTRIBUIÇÕES DA ÉTICA ARISTOTÉLICA	6
Lucas Santos Cerqueira	6
O SÓCRATES DE NIETZSCHE: Busca por uma educação transformadora	9
Cristiano da Rocha Tavares.....	9
ENSINO DE FILOSOFIA como processo de formação CRÍTICA:	12
saber filosófico como princípio e prática de humanização e liberdade	12
Helder Corrêa Luz	12
FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E METODOLOGIAS DE ENSINO:	16
o canto das sereias	16
Mariano Henrique Maurício de Campos.....	16

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

APRESENTAÇÃO

Os *Anais da I e II Semana de Filosofia* reúnem os resumos expandidos de alguns dos melhores Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) dos alunos da Licenciatura em Filosofia da Unisa no ano de 2020, que tiraram nota igual ou maior que 9,0 (nove). Apenas os alunos que participaram dos eventos I e II Semana de Filosofia apresentando oralmente seus resumos tiveram seus trabalhos selecionados para esta publicação.

Os TCCs apresentam o resultado de uma pesquisa de revisão bibliográfica sobre o tema geral Ensino de Filosofia e outros subtemas relacionados, tais como: a perspectiva de educação de algum filósofo, a educação em direitos humanos, questões didáticas e metodológicas etc.

Dois resumos expandidos dos melhores TCCs aqui publicados também foram selecionados para participar do 23º Congresso de Iniciação Científica da Unisa, representando a Licenciatura em Filosofia. O projeto de pesquisa da aluna Rejane de Sá ENSINO DE FILOSOFIA SOB A PERSPECTIVA DE NIETZSCHE também foi selecionado para o PIBIC-UNISA, sendo contemplado com a bolsa de pesquisa PIBIC-CNPq, durante o ano de 2020.

Os *Anais da I e II Semana de Filosofia* são publicados no Repositório da Licenciatura em Filosofia vinculado ao site da Biblioteca da Unisa, assim como os melhores TCC (artigos completos), dos alunos que obtiveram nota igual ou maior que nove (9,0).

Os resumos expandidos aqui reunidos dão uma pequena mostra das pesquisas discentes e da produção acadêmica da Licenciatura em Filosofia da Unisa na área de Ensino de Filosofia, a qual tem se firmado como uma das principais áreas de pesquisa na pós-graduação de Filosofia no Brasil, conforme dados publicados em 2021 pela ANPOF (Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia).

Além da apresentação dos resumos dos melhores TCCs, as Semanas de Filosofia contam com a participação de professores-pesquisadores da área de Ensino de Filosofia como palestrantes. A I Semana de Filosofia contou com a palestra “Escuta e diálogo na aula de filosofia”, proferida pelo prof. Dr. Fernando Bonadia da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). A II Semana de Filosofia contou com a palestra “Ensino de Filosofia: desafios no Ensino Médio”, proferida pela profa. Me. Marta Vitória de Alencar do Colégio Aplicação (CAP) da Faculdade de Educação da USP (Universidade de São Paulo).

Profa. Dra. Bárbara Ramacciotti
Coordenação de Filosofia

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

ENSINO DE FILOSOFIA SOB A PERSPECTIVA DE NIETZSCHE¹

Rejane dos Santos Magalhães Sá
Orientação: Dra. Bárbara Ramacciotti

INTRODUÇÃO

A pesquisa sobre o tema Ensino de Filosofia tem se desenvolvido no Brasil desde que a disciplina Filosofia voltou a ser obrigatória no Ensino Médio, com a promulgação da lei no 11.684/2008. Nietzsche em sua autobiografia intelectual intitulada *Ecce Homo* (1887) faz uma retrospectiva de todo o seu projeto filosófico apresentando-o como uma “filosofia da afirmação da vida”. O lema adotado como subtítulo “como alguém se torna o que é” aponta para o sentido pretendido por Nietzsche com sua filosofia: convidar seus leitores a experimentar uma nova perspectiva filosófica, a qual visa à afirmação da vida entendida como superação dos limites, sofrimentos e doenças em realizações, alegrias, saúde e autoconhecimento.

OBJETIVO

A pesquisa tem por objetivo examinar em que medida o projeto de Nietzsche de uma filosofia da afirmação da vida resumido no lema “como alguém se torna o que é” pode ser explorado como uma metodologia ativa para o ensino da filosofia como disciplina no Ensino Médio.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa teórica de revisão bibliográfica, cujo referencial teórico primário delimita-se à obra *Ecce Homo* de Nietzsche e o referencial secundário consiste em especialistas na filosofia nietzschiana e no tema ensino de filosofia, tais como Ramacciotti (2019a; 2019b), Acosta (2017), Viesenteiner (2010), Alves (2015). As fontes foram selecionadas em bases como: Google Acadêmico, Portal da Capes e Scielo. Para atingir o objetivo proposto, a pesquisa divide-se em três partes: 1. A filosofia do “tornar-se o que se é” de Nietzsche; 2. Ensino de Filosofia e as metodologias ativas; 3. A aplicação da filosofia nietzschiana em sala de aula.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Na 1ª etapa, a pesquisa sobre ensino de filosofia e didáticas, verificou-se que as metodologias de ensino são definidas como passivas e ativas. Uma didática é passiva quando o protagonismo da aula se centra no professor e na transmissão de conteúdos. Uma didática é considerada ativa quando o protagonismo é do aluno, que coloca em prática o pensamento crítico e criador (RAMACCIOTTI, 2019a).

Sobre ensino filosofia, Ramacciotti (2019a) demonstra que a literatura específica põe em relevo a importância do professor adotar metodologias ativas em sala de aula, tendo em vista que o debate de ideias, a atitude crítica e a reflexão autônoma fazem parte dos objetivos pedagógicos da disciplina.

¹ Projeto de pesquisa selecionado e contemplado com bolsa de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq, vigência 2020 e Resumo selecionado para apresentação no 23º Congresso de Iniciação Científica da Unisa, 2020.

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

Esta visão é confirmada por Leopoldo-Silva (1993) que nos orienta a falar de *filosofias* no plural e não de *filosofia* no singular, enfatizando a necessidade de colocar temas e problemas filosóficos em debate nas aulas a partir de diferentes perspectivas filosóficas, promovendo a visão crítica, reflexiva e autônoma do aluno.

Carminatti (2020) traz a importância do professor adotar o diálogo como didática de aula, posto que atitudes autoritárias por parte do professor prejudicam o processo de aprendizagem ativa do aluno. Mello (2018) analisa o processo de criação do pensamento como um caminho para a criação de si, promovendo novos sentidos para “tornar-se digno do que nos acontece”.

Com base em tal revisão, formulamos a seguinte questão: em que medida o lema da filosofia de Nietzsche “como alguém se torna o que é” pode ser aplicado como uma didática ativa para o ensino de filosofia?

Na etapa 2 da pesquisa, chegou-se aos seguintes resultados. Em sua autobiografia intelectual, *Ecce Homo: com alguém se torna o que se é*, Nietzsche sustenta que buscou com sua filosofia tornar-se quem ele era, criando um sentido próprio para sua vida. Por isso ele define sua filosofia como uma filosofia da afirmação da vida, pois visa à autosuperação constante de si, transformando problemas, limites e até a doença em estímulo para aumentar a própria potência.

Para Brazil (2012), não se pode analisar a obra de Nietzsche sem refletir sobre o filósofo enquanto sujeito agindo no mundo, não há separação entre sua vida e sua obra.

Viesenteiner (2010) observa que o tornar-se o que se é de Nietzsche deve ser entendido como o cultivo do si-mesmo em relação as próprias vivências.

Alves (2015) apresenta outras variações para o lema do “tornar-se o que se é” como “encontrar-se a si próprio”, “descobrir-se a si próprio”, fazer-se a si próprio”. Para se chegar ao que se é deve-se buscar conhecer a si próprio, sendo preciso um autoexame tudo o que foi vivenciado, exigindo constantes autoavaliações.

Ramacciotti (2019b) observa que a filosofia da afirmação da vida em Nietzsche pode ser compreendida como uma perspectiva de criação do sentido próprio ou do si-mesmo (*Selbst*), em termos da superação dos limites, do sofrimento, das doenças e até do niilismo.

O niilismo é definido por Nietzsche como a vontade de negação da vida, apontado como a perspectiva dominante na religião, na filosofia e na civilização ocidental da antiguidade até a modernidade. Essa vontade de negação da vida significa a criação do sentidos para fora e para além da própria existência, como fazem as metafísicas tradicionais e as religiões em geral.

Acosta (2017) ressalta que Nietzsche via massificação na cultura e nos valores modernos, pois privilegia uma educação mediana ou medíocre, em termos de formar estudantes ignorantes com relação ao sentido da própria existência. Para Acosta (2017), Nietzsche também fazia uma crítica ao eruditismo, que em excesso considera um saber desvinculado da vida.

CONCLUSÃO

A filosofia da afirmação da vida de Nietzsche se apresenta como uma metodologia ativa para ser adotada ao contexto de sala de aula, pois convida o aluno para ser o sujeito de sua própria história, ampliando seu repertório a partir do processo de reflexão, problematização e ressignificação do conhecimento,

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

percebendo e contextualizando sua realidade e vivências com o ensino de filosofia, seja com as obras dos filósofos e/ou com a própria biografia deles.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Lucas Giovan Gomes. Nietzsche professor: por um ensino de filosofia potencializador. **Refilo-revista digital de ensino de filosofia**. Periódicos.ufsm.br/refilo, Santa Maria, vol 3 n.2 – jul/ dez 2017, pp 180-194. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/30473>. Acesso em 30/05/2020.
- ALVES. Thaise Dias. “Tornar-se o que se é”: uma via negativa?. **Fermentário** N.9, Vol 1 (2015). Disponível em: [file:///C:/Users/MR/Downloads/195-394-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/MR/Downloads/195-394-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 21/08/2020.
- BARRENECHEA, Miguel Angel de. Schopenhauer como educador: Um modelo de mestre. **Poiesis Pedagógica**. Catalão-GO, v.13, p.06-14. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/40101/20493>. Acesso em 23/08/2020.
- BRASIL, Joana P.; CARVALHO, Rose, M. A Noção Moderna de Autonomia e o Papel do Aluno na Educação a Distância. **Revista de Educação**; Goiânia, v. 13, n. 2, pp. 275-284, jul./dez. 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/Rosito/Downloads/1418-4404-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Rosito/Downloads/1418-4404-1-PB%20(1).pdf) Acesso em: 10/06/2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**; Ciências Humanas e suas tecnologias, v. 4. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000. Disponível em: <<https://bit.ly/2ycFWAK>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- CARMINATI, Celso João. Sentidos do fazer e da formação do(a) professor(a) de filosofia do Ensino Médio. **GT: Filosofia da Educação** /n.17. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/gt17/t171.pdf> . Acesso em: 12/06/2020.
- FAVARETTO, C. F. Sobre o ensino de Filosofia. **Revista da Faculdade de Educação**. Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 97-102, jan./jun. 1993. Disponível em: <<https://bit.ly/2IM4kaR>>. Acesso em: 6 jun. 2019.
- GHIRALDELLI JR., Paulo. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Ática, 2006.
- LEOPOLDO-SILVA, F. Currículo e formação: o ensino da filosofia. Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 20, n. 63, p. 797-806, 1993. Disponível em: <<https://bit.ly/2mbQAX4>>. Acesso em: 5 jun. 2019.
- MELO, Danilo. A filosofia como dispositivo de transformação na educação. **Filosofia e Educação [RFE]** – Volume 9, Número 3. Campinas, SP, UNICAMP, Outubro de 2017-Janeiro de 2018, pp. 5-17. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8649637/17339>. Acesso em: 13/06/2020

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

NEUKAMP, Elenilton. As críticas do professor Nietzsche à educação de seu tempo. Disponível em: <https://docplayer.com.br/26885396-As-criticas-do-professor-nietzsche-a-educacao-de-seu-tempo.html>. Acesso em: 23/08/2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo: como se torna o que é**. Tradução e Paulo Cesar de Souza. São Paulo. Companhia das letras. 2008.

RAMACCIOTTI, Bárbara Lucchesi. Nietzsche e a Fisiopsicologia da Vontade de Potência: Perspectivismo, Genealogia e Morfologia. **Estudos Nietzsche**, Espírito Santo, v.9, n.1, p.26-55, jan./jul. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Rosito/Desktop/ARTIGO%20PROFESSORA%20BARBARA.pdf>. Acesso em 12/06/2020.

RAMACCIOTTI, B. L. **Apostila Prática Pedagógica em Filosofia I**. São Paulo: Unisa, 2019a.

RAMACCIOTTI, B. L. **Apostila Prática Pedagógica em Filosofia II**. São Paulo: Unisa, 2019b.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. “Cultivo” e vivência (Erlebnis): premissas à construção da tarefa de “tornar-se o que se é” em Nietzsche. **Cadernos de ética e filosofia**. 17, 2/2010,pp.203-227. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/55714/59130>. Acesso em: 20/08/2020.

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

O ENSINO DE FILOSOFIA E AS CONTRIBUIÇÕES DA ÉTICA ARISTOTÉLICA ²

Lucas Santos Cerqueira
Orientador: Dra. Bárbara Ramacciotti

INTRODUÇÃO

O presente estudo parte da seguinte questão: como a ética aristotélica pode contribuir para o ensino de filosofia? Adota-se a seguinte hipótese: O ideal de *paideia* (educação) em Aristóteles envolve simultaneamente a formação teórica e prático-ética do aluno, pois não visa apenas ao cultivo das capacidades intelectuais, mas também ao desenvolvimento das virtudes morais, sobretudo, a virtude da moderação, que resume o conceito de virtude como a escolha racional e equilibrada do meio termo entre extremos. Neste sentido, a ética de Aristóteles tem muito a contribuir para o ensino de filosofia, pois a reflexão sobre os tipos de ação moral e tipos de virtudes é um dos temas centrais das aulas de filosofia, podendo auxiliar na formação do aluno em um sentido amplo, desenvolvendo competências cognitivas e a prática de virtudes morais.

OBJETIVOS

Analisar em que medida a concepção de ética e de educação (*paideia*) em Aristóteles pode auxiliar à formação dos alunos e a prática pedagógica do professor de filosofia.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa teórica, de revisão bibliográfica, que adota a obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles como referencial teórico e artigos de especialistas nos temas ética aristotélica e ensino de filosofia. Usando as palavras-chaves: ética de Aristóteles, educação e ensino de filosofia.

DISCUSSÃO

O estudo divide-se nos seguintes tópicos. O primeiro examina o conceito de ética e a teoria da virtude (*areté*) expostos na obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles. O segundo investiga o ideal de educação (*paidéia*) em Aristóteles, que envolve simultaneamente a formação teórico-intelectual e prático-ética do aluno (cidadão). O terceiro parte da seguinte premissa: dado que as políticas educacionais para a educação básica no Brasil atribuem à disciplina Filosofia a tarefa da formação dos alunos para a prática da cidadania, chega-se ao seguinte resultado: o ideal de *paideia* (educação) e a ética cunhados por Aristóteles colaboram ativamente para a formação consciente, crítica e eticamente responsável dos estudantes para a vivência em sociedade como cidadãos. Esse resultado foi corroborado pela revisão da literatura especializada, com destaque para: Alves (2014), Boto (2001), Paviani (2012), Silveira (2004) e Tadeus (2009).

É notório observar que, segundo Aristóteles, toda a atividade realizada pelo homem, tem uma finalidade, um fim (*telos*) em vista de um bem. Essa é a dimensão teleológica da ética aristotélica, pois todas as ações devem tender a um fim, e o fim supremo ou o Sumo Bem é a busca da felicidade. O Sumo Bem

² Resumo de TCC selecionado para apresentação no 23º Congresso de Iniciação Científica da Unisa, 2020.

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

não é como para Platão, o conhecimento da ideia verdadeira do Bem, mas a ação boa, virtuosa, ou seja, a ação que tem por finalidade praticar o bem. Para Aristóteles, a prática ou *práxis* (ação) boa ou do bem é aquela que está de acordo com o princípio racional.

A felicidade é considerada como o Sumo Bem, por ser a felicidade causa de si mesma, enquanto as outras ações são realizadas tendo por causa a busca da felicidade. Isso significa que a felicidade é um fim desejado por si mesmo, sendo causa de si mesma, pois não é causada nem desejada por algum outro motivo. Por ser a felicidade um fim desejado por si mesmo, logo a felicidade é o próprio bem maior. Nesse contexto, faz-se necessário compreender o que seja a virtude para Aristóteles. A virtude (areté), enquanto potência da alma, nunca se alcançará na falta ou no excesso. São classificadas em dois tipos: intelectuais e as morais. Por exemplo no caso do conhecimento, a falta seria a ignorância e o excesso a erudição vazia, enquanto a sabedoria seria a mesotese, ou seja, a justa medida (meio termo).

O ideal de *paideia* (educação) em Aristóteles envolve simultaneamente a formação ética e política do aluno (cidadão). A educação deve ensinar as pessoas, desde a infância, a apreciar e cultivar a prática das virtudes. Desta forma, a ética de Aristóteles colabora com seu ideal de *paideia* no sentido amplo de educação visando não apenas o cultivo das virtudes intelectuais, mas também o desenvolvimento das virtudes morais por meio da prática do cultivo e domínio de si mesmo, do autocontrole, ou seja, cultivar as potências para que possa haver uma escolha livre buscando a moderação.

O ensino de Filosofia na educação básica no Estado brasileiro como uma disciplina para a formação crítica, reflexiva e consciente de novos cidadãos. Na sociedade hodierna o ensino de filosofia é de fundamental importância, e o ideal de *paideia* e o conceito de ética cunhados por Aristóteles colaboram ativamente para a formação consciente e crítica dos estudantes para a vivência na sociedade, pois liberta o homem de um marasmo crítico e o ascende a uma posição crítico-consciente, tornando-o membro ativo da sociedade a qual vive.

CONCLUSÃO

Muitas pesquisas na área de filosofia demonstram a relevância e a contribuição das concepções de *paidéia* e de ética de Aristóteles não apenas como conteúdo a ser ensinado nas aulas de filosofia, mas como uma diretriz para a prática pedagógica do professor de filosofia, na medida em que tais conceitos ajudam na tarefa de formação no discente de uma consciência crítica, reflexiva e ética, racionalmente direcionada para o exercício da cidadania.

O ideal de *paidéia* e agir ético defendido pelo filósofo Aristóteles consiste num equilíbrio que deve ocorrer entre o excesso e a falta, ou seja, o homem é verdadeiramente ético quando as suas ações estão pautadas no justo meio ou meio termo. Nesse sentido, é a educação (*paidéia*) que irá corroborar de forma efetiva para a vivência ética e política na *polis*, pois é a educação que liberta o ser humano e que o concede uma autonomia no pensar e no agir de forma virtuosa. Por isso, que Aristóteles afirma que a prática da virtude é o caminho para atingir a finalidade da vida, a felicidade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

ALVES, M. A. **Ética e educação: caráter virtuoso e vida feliz em Aristóteles** - doi: 10.4025/actascieduc.v36i1.19276. **Acta Scientiarum. Education**, v. 36, n. 1, p. 93, 20 fev. 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Conselho Nacional de Educação**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2008.

PAVIANI, J. A função pedagógica da ética em Aristóteles. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 110-115, jan./abr. 2012.

RAMACCIOTTI, Bárbara. APOSTILA de **Prática Pedagógica em Filosofia II**. São Paulo: Universidade de Santo Amaro, 2019.

SILVEIRA, D. Relação de Pertença entre Ética e Educação: O significado contemporâneo da Ética Aristotélica das Virtudes. **Revista de Ciências Humanas**, v. 5, n. 5, p. 189–212, 2004.

TADÊUS, P. A. Ética na educação. **Revista Triângulo**, v. 2, n. 02, 30 jul. 2009.

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

O SÓCRATES DE NIETZSCHE: Busca por uma educação transformadora

Cristiano da Rocha Tavares
Orientação: Dra. Bárbara Ramacciotti

INTRODUÇÃO

Em *O Problema de Sócrates*, na obra *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche declara uma verdadeira guerra aos ídolos da decadência e busca demolir à marteladas toda a filosofia socrática. Neste mesmo contexto, procuramos explorar uma outra leitura do Sócrates de Nietzsche que evidenciaria uma suposta admiração entre ambos e superaria a interpretação tradicional que se pauta na interpretação das ambiguidades. Com efeito, Nietzsche e Sócrates estariam próximos: o primeiro, pela apologia do ensino de uma filosofia não massificada como afirmação da vontade de potência do indivíduo e, o segundo, pela disseminação do conhecimento através do método dialético como forma de crítica à *doxa* vigente em seu tempo.

Na primeira seção de nosso trabalho, procuramos demonstrar a guerra aos ídolos travada pela filosofia nietzschiana que buscou evidenciar toda espécie de decadência filosófica proveniente do uso excessivo do racionalismo. O personagem paradigmático escolhido é Sócrates, cuja filosofia de negação à vida defende valores imutáveis, transcendentais e absolutos. A anulação dos instintos faz de Sócrates um enfermo que necessita apelar ao método dialético para afirmar sua natureza antidionisiaca e decadente. Adotamos como referencial teórico primário *O Crepúsculo dos Ídolos* de Nietzsche (2018) e como referenciais secundários Frezzatti Jr (2008) e Kohan(2011).

Posteriormente, discutimos um pouco do pensamento de alguns comentadores que defendem uma suposta admiração de Nietzsche a Sócrates, tendo como referência a leitura de Kohan (2011), Paula (2009) e Nietzsche (2018). Embora Nietzsche faça uma crítica ferrenha ao aspecto apolíneo e decadente da filosofia socrática, Walter Kaufmann (*apud* PAULA, 2009) entende que existe muito dogmatismo nesta interpretação: houve muito foco na interpretação das ambiguidades em vez de se fazer notar esta suposta admiração nietzschiana.

Por fim, procuramos discutir o ensino de filosofia sob a perspectiva desta ambiguidade nietzschiana: se por um lado há um distanciamento de pensamentos entre os filósofos, por outro lado há uma convergência que podemos explorar. Nietzsche defende a necessidade de uma educação que desenvolva aquilo que é único em cada homem e que traduza estes impulsos elementares naquilo que chama de vontade de potência.

Por conseguinte, Nietzsche rejeita a doutrina de massificação educacional e de unidade coletiva da razão, bem como qualquer forma de dominação sobre o indivíduo: é justamente esta concepção que aproxima Nietzsche de Sócrates, uma vez que o processo dialético socrático é desenvolvido em círculos pequenos e concêntricos de indivíduos onde o conhecimento surge pelo diálogo, pela contradição e pela ironia, diferenciando-se, portanto, da mera opinião massificada. Para desenvolver esta seção, revisamos os estudos de Acosta (2017), Aires (2017), Azeredo (2015) e Medeiros (2013).

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é fazer uma revisão de estudos que defendem uma certa proximidade de pensamento entre Nietzsche e Sócrates, de acordo com a leitura de Kohan (2011) com base na tese de Nehamas e a leitura de Paula (2009) com referência à tese de Kaufmann. A partir dessa revisão, pretendemos verificar até que ponto essa proximidade se estende ao papel da educação na sociedade.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada é a pesquisa bibliográfica e estrutural das obras que constam nas referências deste trabalho. Em um primeiro momento, o planejamento inicial do trabalho envolveu o levantamento de livros e artigos científicos pertinentes à temática “Ensino de Filosofia sob a perspectiva dos filósofos Sócrates e Nietzsche”. Com efeito, a bibliografia básica inicial adotada para realizar o estudo preliminar da temática foi o livro “Sócrates & a Educação: o enigma da filosofia” de Walter Kohan, cujo conteúdo serviu de parâmetro para a problematização e a delimitação do tema desta pesquisa.

DISCUSSÃO

A crítica nietzschiana à Sócrates é direcionada principalmente ao racionalismo e ao método dialético que denunciam um processo de decadência filosófica. No entanto, apesar destas críticas desferidas por Nietzsche, conjecturamos uma possível proximidade de pensamento entre os filósofos quando o assunto é a educação individualizada e não massificada, a qual partiria de círculos concêntricos de indivíduos e onde o conhecimento surge pelo diálogo e pela contradição, diferenciando-se assim da mera opinião massificada.

Embora Sócrates se utilize do racionalismo e do método dialético, existe em seus diálogos um questionamento constante sobre as ideias preconcebidas e geralmente aceitas pela maioria. Por outro lado, Nietzsche argumenta que todo tipo de dominação dos mais fortes sobre os mais fracos fundamenta-se na diminuição da vontade de potência e da intuição: o indivíduo submetido ao racionalismo, à razão universal iluminista, à metafísica ou religião, enfraquece sua percepção da realidade e submete-se docilmente ao controle estatal ou às exigências do mercado de trabalho.

A educação iluminista, pautada pela razão universal, floresceu na Alemanha do século XIX e trouxe como consequência, segundo Nietzsche, uma massificação cultural e uma baixa qualidade educacional. O filósofo entende que o rebaixamento da cultura alemã ocorreu pela democratização cultural que ofereceu educação a um maior número de jovens, uma situação que contrasta com o privilégio daqueles que buscam uma educação de qualidade por mérito próprio. Este tipo de massificação educacional somente atenderia ao interesse dos dominadores sobre o rebanho dos mais fracos. A tendência de massificação cultural é um tipo de nivelamento coletivo das capacidades individuais que suprime toda expressão particular em troca de uma expansão quantitativa que oferece um ensino de baixa qualidade.

CONCLUSÃO

Concluimos que a autossuperação do educando deve ocorrer por meio de um ensino de filosofia que potencialize o estudante a buscar a reflexão crítica dos problemas do mundo real: a formação em filosofia pressupõe algo mais que

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

a simples assimilação de história da filosofia: é preciso filosofar e afirmar nossa vontade de potência. Os professores necessitam estimular a criticidade para consolidar o aprendizado e a transformação do educando, pois do contrário estaremos todos sujeitos à lógica racionalista e dominadora que o sistema historicamente tem imposto por meio do sistema educacional vigente.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, L. G. G. Nietzsche professor: por um ensino de filosofia potencializador. **Refilo - Revista Digital de Ensino de Filosofia**, Santa Maria, v. 3, n. 2, p. 180-194, Jul/Dez 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/30473>>

AIRES, M. G. A Filosofia no Ensino Médio à luz da perspectiva socrática da reflexão e do questionamento. **NESEF Filosofia e Ensino**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 22-33, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/neseef/article/view/59519>>.

ANDRADE DE, W. P. **O(s) Sócrates de Nietzsche**: uma leitura d'O nascimento da tragédia. Campinas: [s.n.], 2009.

AZEREDO, V. D. D. Filosofia e Educação em Nietzsche. **Contexto & Educação**, Ijuí, v. 97, n. 30, p. 160-164, Set/Dez 2015.

FREZZATTI JR, W. A. "O Problema de Sócrates": um exemplo da fisiopsicologia de Nietzsche. **Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 20, n. 27, p. 303-320, 2008.

KOHAN, W. **Sócrates & a Educação**: o enigma da filosofia. Tradução de Ingrid Muller. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MEDEIROS, M. D. C. V. Z. & R. R. Nietzsche e a educação: autonomia, cultura e transformação. **Trilhas Filosóficas – Revista Acadêmica de Filosofia**, Caicó, v. n.1, n. ano VI, p. 71-93, jan-jun 2013. ISSN 1984-5561.

NIETZSCHE, F. **Escritos Sobre Educação**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Loyola, 2003.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos**: como filosofar a marteladas. Tradução de Carlos Antonio Braga. São Paulo: LaFonte, 2018.

PAULA, W. A. D. **O(s) Sócrates de Nietzsche**: Uma Leitura d'O Nascimento da Tragédia. Campinas: [s.n.], 2009. Dissertação de Mestrado. Orientador: Oswaldo Giacoia Júnior.

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

ENSINO DE FILOSOFIA como processo de formação CRÍTICA: saber filosófico como princípio e prática de humanização e liberdade

Helder Corrêa Luz

Orientação: Dra. Bárbara Ramacciotti

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata do ensino da Filosofia como parte do processo de formação crítica do ser humano, pois consideramos o saber filosófico como princípio e prática de humanização, emancipação e liberdade. Partimos da hipótese de que a Filosofia é um saber indispensável para a formação do indivíduo crítico e consciente, pautado pela razão, pela autonomia e pela liberdade do pensar. Sustentamos, também, que as concepções educacionais são transitórias e estão sujeitas aos contextos filosófico, ético-político e sócio-cultural de cada época.

OBJETIVOS

Nosso objetivo geral foi analisar a importância do ensino da Filosofia sob a perspectiva da criticidade, com destaque às contribuições de grandes pensadores que influenciaram o campo educacional. Os objetivos específicos foram: a) entender de que forma a Filosofia influencia o processo formativo do ser humano. b) discutir os diversos cenários e concepções educacionais que ajudaram traçar o papel do ensino da Filosofia enquanto instrumento de reflexão e transformação do ser humano e da sua realidade e c) compreender os caminhos trilhados pelo ensino da Filosofia no Brasil

METODOLOGIA

Neste estudo, optou-se pelas técnicas de pesquisa bibliográfica. A presente metodologia foi importante para compreendermos os percursos trilhados pelo ensino de Filosofia e o papel fundamental que ela desempenhou e ainda desempenha no processo de formação do ser humano, independentemente da época ou da concepção filosófico-educacional predominante. Assim, para o êxito deste estudo tivemos que recorrer às obras de grandes pensadores do campo filosófico-educacional, bem como a seus intérpretes mais renomados, que são referência nas discussões sobre a presente temática, como: Silvio Gallo; Antônio Severino; Marilena Chauí, entre outros. Outras ferramentas também foram utilizadas neste estudo, como as Bibliotecas virtuais da Unisa e da Scielo e o Portal de Periódicos, Teses e Dissertações da Capes e do CNPq, a partir dos quais selecionamos o nosso aporte teórico, tendo como critério de pesquisa as palavras-chave: “Ensino de Filosofia”, “Filosofia da Educação” e “Pensamento Crítico”.

DISCUSSÃO: ENSINO DE FILOSOFIA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PEDAGOGIA CRÍTICA

As contribuições de Nietzsche (o filósofo da crítica do niilismo, do eterno retorno, da vontade de potência, da transvalorização dos valores), crítica à filosofia institucional, que é evitada de relações de poder amesquinadoras, de defesa do status quo, das influências da moral, da cultura, da permanência e não

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

da transformação, do devir. Crítica à concepção ético-moral do cristianismo, do idealismo, do positivismo e de todas as correntes filosóficas que defendiam a existência de valores morais universais, eternos e absolutos. Para Nietzsche, a função da educação e também do ensino de Filosofia é promover o homem superior, é impulsionar a autonomia, a formação como crescimento, como desdobramento e não como estandarização da vulgaridade dos fracos.

As contribuições de Karl Marx (o filósofo da crítica das relações sociais de produção na sociedade capitalista). Marx criticava a compreensão de uma realidade estruturada a partir da perspectiva do senso comum e da visão imediatista e religiosa, que muitas vezes concebem a existência de um mundo fundamentado em realidades estáticas e imutáveis (defendia a visão da totalidade). Para Marx, a superação da compreensão fragmentada e unitária do processo histórico é condição *sine qua non* para o processo de transformação da realidade, que se efetivaria mediante a tomada de consciência da classe oprimida. Marx defendia que somente no processo de revolução social o homem poderia perceber-se enquanto indivíduo social, buscando superar as condições alienantes de sua própria existência, causadas pelas contradições do capitalismo.

As contribuições da Escola de Frankfurt (Adorno, Benjamim, Horkheimer, Marcuse, Habermas). Seus filósofos teorizaram acerca do pensamento crítico, do esclarecimento, da emancipação, da comunicação, da autonomia intelectual. Buscavam a emancipação dos sujeitos em face da massificação e alienação impostas pela indústria cultural e pelo capitalismo. Para os Frankfurtianos é a industrialização cultural que compromete a formação. Cabe aos processos educativos investir na transformação da razão instrumental em razão emancipatória”.

CONCLUSÃO

O Ensino de Filosofia é um instrumento de fundamental importância para a formação dos sujeitos, na medida em que proporciona uma visão crítica das estruturas e das ideologias que fizeram e ainda fazem parte da história da educação e da formação humana de forma geral. A Filosofia é um saber indispensável para a formação do indivíduo crítico e consciente, que prima pela razão, pela autonomia e pela liberdade do pensar.

O processo formativo é moldado a partir do contexto econômico, político-filosófico e cultural de cada época, onde as concepções filosóficas e educacionais são transitórias e refletem, geralmente, a influência do pensamento dominante. A filosofia potencializa nossa capacidade de nos indignar diante das injustiças, na medida em que ela pode abrir novas trajetórias de lutas e reivindicações em prol de uma educação embasada nos princípios da razão e da liberdade do ser humano.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Lucas Giovan Gomes. Nietzsche professor: por um ensino de filosofia potencializador. **Refilo – Revista Digital de Ensino de Filosofia**. Periodicos.ufsm.br/refilo, Santa Maria, vol.3 n.2 – jul./dez. 2017, pp. 180-194. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/30473>>. Acesso 08 out. 2020.

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2 ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 2001.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. **O ensino de Filosofia e discernimento no mundo contemporâneo**: questões atuais. Educação, Santa Maria, v. 40, n. 1, p. 89-100 | jan./abr. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984644416517>. Acesso em: 28 outubro de 2020.

CHAUÍ, Marilena. **A situação da Filosofia**. In: ARANHA, Maria Lúcia. **História da Educação**. 2 ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 2001.

DIEZ, Carmen Lúcia Fornari; CUNHA, Rosâni Kucarz da. **Reflexões sobre o ensino de Filosofia**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 46, p. 127-138, out./dez. 2012. Editora UFPR. Disponível em: http://www.sielo.br.php?pid=S0104-4060201200040010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 06 de maio, 2020.

DUTRA, Jorge da Cunha; DEL PINO, Mauro Augusto Burkert. **Resgate histórico do ensino de Filosofia nas escolas brasileiras**: do século XVI ao século XXI. InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.16, n.31, p.85-93, jan./jul. 2010.

FAVERO, Altair Alberto et al. **O Ensino da Filosofia no Brasil**: um mapa das condições atuais. Cadernos Cedes. Campinas, vol. 24, n. 64, p. 257-284, set./dez. 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: O uso dos prazeres, Rio de Janeiro Graal, 1984.

FRAGOSO, Myriam Xavier. **Nietzsche e a educação**. Marília, Trans/form/ação, v.1, 1974, pp. 277-293. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31731974000100017. Acesso em: 02 fev. 2020.

GALLO, Sílvio. A Filosofia no Ensino Médio. Carta na Escola. 20 ed. 11 out. 2007. Disponível no site: < <http://www.cartanaescola.com.br/edicoes/20/a-filosofia-no-ensino-medio/>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

GIACÓIA JR., Oswaldo. **De Nietzsche a Foucault**: os impasses da razão? In: Kafka, Foucault: sem medos. PASSETTI, Edson. (org). Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

HORN, Geraldo Balduino. **A presença da filosofia no currículo do ensino médio brasileiro**. In: GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar (orgs.). Filosofia no Ensino Médio. Petrópolis: Vozes, 2000.

LORENZONI, Ionice. **Filosofia e sociologia devem ser incluídas nas escolas até 2011**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 27 mai. 2009. Disponível no site: <

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13590:ensino-medio&catid= 211&Itemid= 86](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13590:ensino-medio&catid=211&Itemid=86)>. Acesso em: 15 junho de 2020.

LUKACS, G. **História e Consciência de Classe – estudos da dialética marxista**. Trad. Telma Costa; Revisão de Manuel A. Resende e Carlos Cruz – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Elfos Ed. Porto Portugal: Publicações Escorpião, 1989.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. 2. ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

PILLETI, Nelson. **Evolução do currículo do curso secundário no Brasil**. Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, jul./dez., p. 27-72, 1987.

SEVERINO, Antônio. **A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.3, p. 619- 634, set./dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000300013. Acesso em: 13 junho de 2020.

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E METODOLOGIAS DE ENSINO: o canto das sereias

Mariano Henrique Maurício de Campos
Orientação: Dra. Bárbara Ramacciotti

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em atividade acadêmica do curso de licenciatura em filosofia, cujo tema geral é o ensino de filosofia. O ensino de um modo geral, e o ensino de filosofia especificamente, está fundamentado em vários pilares e um deles é a escolha de uma metodologia de ensino. Existem várias concepções pedagógicas e a partir delas é possível encontrar um método para ensinar filosofia. Há várias formas de conhecimento sem que exista uma relação de hierarquia e nem de exclusão entre eles. São abordagens distintas em face da produção do conhecimento.

Minha proposta é buscar uma reflexão sobre a interferências do pensamento filosófico sobre a construção de métodos de investigação do conhecimento e como isso pode impactar o ensino. Dito isso, é primordial buscar uma análise da filosofia da essência e a filosofia da existência como pressupostos fundamentais das maneiras de ensino que estão à nossa disposição. Muitas vezes não distinguimos o tipo de filosofia que está presente em certo método de ensino. A compreensão de um fenômeno passa não só por sua aparência, já que sempre estamos dispostos a alcançar sua essência. Com isso, lançamos mão de procedimentos de investigação e reflexão que culminam na opção por um método.

Com isto, este trabalho pode oferecer uma análise sobre o que constitui fundamento para o ensino de filosofia, tendo como parâmetros a filosofia da essência e a filosofia da existência. Há várias formas de conceber a educação, seja por uma perspectiva redentora, reprodutivista ou transformadora. Aqui buscarei uma origem filosófica para tais perspectivas.

OBJETIVOS

Diante disso, os objetivos do trabalho consistem em analisar a questão sobre o ensino de filosofia e sua inserção em normas burocráticas do Estado; investigar os métodos de ensino e relacioná-los com as concepções filosóficas da essência e da existência.

METODOLOGIA

No caso deste artigo, foi realizada pesquisa bibliográfica, pois a pesquisa tem como objetivo a descrição dos fenômenos investigados a partir do referencial teórico. Com isso, a pretensão é de gerar mais compreensão sobre a importância da filosofia para o entendimento do ensino. A seleção dos textos foi realizada mediante indicação da orientação do trabalho de conclusão do curso, a partir de leituras previamente indicadas ao longo da elaboração do projeto da pesquisa.

DISCUSSÃO

Inicialmente, o texto abordou o ensino de filosofia e a modificação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação realizada através da Lei nº 13.415, do ano de 2017, que retirou a obrigatoriedade do estudo de filosofia no ensino médio,

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

conquista que não durou 10 anos, pois havia sido inserida a obrigatoriedade através da Lei nº 11.684 de 2008. A questão envolve pensar formas alternativas à mera institucionalização do saber filosófico, já que a previsão formal de direitos não é capaz de promover a mudança da realidade.

O segundo tópico do trabalho aponta para a natureza filosófica das metodologias de ensino. São estudadas as concepções do pensamento pedagógico desde a antiguidade. A origem da metodologia no século XIX está associada a influência da teoria da evolução e do positivismo. No Brasil, a Escola Nova assume uma postura de defesa dos princípios liberais, conforme se nota do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Os adeptos da Escola Nova, seguindo a teoria evolucionista e a base biológica do seu ideário, visavam que educação se adaptasse à natureza da criança, tomado do ponto de vista da sua individualidade.

A pedagogia nova, o escolanovismo, que utiliza o processo de aprendizagem ativo, acredita no papel da biologia e da psicologia no desenvolvimento da educação e no processo de transmissão do conhecimento, aluno exerce papel preponderante e o professor é simples mediador ou facilitador.

CONCLUSÃO

As chamadas metodologias ativas são fragmentárias e desarticuladas das concepções e fundamentos teóricos que embasaram o seu surgimento, o que constitui um senso comum teórico por parte dos educadores que tem causado um empobrecimento do debate sobre a questão epistemológica da pedagogia.

O que se tem convencido chamar de metodologias ativas de fato são práticas de aulas. Na verdade, a metodologia envolve as intenções imediatas, de caráter programático, com assimilação dos objetivos que permitirão atingir a finalidade da educação. O canto das sireias ilude com subterfúgios para que não se perceba a ultrapassada Escola Nova e o movimento elitista por trás desta concepção. Através deste estudo é possível perceber as nuances em torno das concepções filosóficas da educação e como elas ajudam a compreender não só as práticas pedagógicas como o próprio sentido da existência humana.

As práticas pedagógicas não constituem mera transmissão de conteúdos e vão além de mecanismos burocráticos que vislumbram o ensino de filosofia como salvação. Incumbe ao professor se colocar filosófica e ideologicamente a par das condições de possibilidade de sua atividade.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Bruno Santos. O ensino de filosofia entre a “história da filosofia” e a “filosofia”: uma questão não esgotada. **Revista Educação e Filosofia** v.32 n.66 set./dez. – 2018. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia>. Acesso em 20 nov. 2020.

ARAUJO, José Carlos Souza. As Concepções Pedagógicas na História da Educação Brasileira: Demarcações Conceituais e Algumas Ilustrações. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (orgs.). **Navegando pela História da Educação Brasileira: 20 Anos de HISTEDBR**. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR, 2009, p. 191-221.

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

ARAUJO, José Carlos S. **Da Metodologia de Ensino Ativa à Metodologia de Ensino Participativa**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). Curitiba, PR: Editora CRV, 2017, p. 17-54.

AZEVEDO, Fernando de, et al. O manifesto dos pioneiros da educação nova (1932). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, 2006, 188-204.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Desmistificação epistemológica e desafios didáticos no processo pedagógico de ensino de Filosofia para graduandos de cursos alheios. **Revista Espaço Acadêmico**, UEM, Maringá, n. 173, out/2015, pp. 51-62. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/29265>>. Acesso em 20 nov. 2020.

CARMINATI, Celso João. Sentidos do fazer e da formação do(a) professor(a) de filosofia do Ensino Médio. **GT: Filosofia da Educação /nº17**, 2004 Disponível em: < <http://27reuniao.anped.org.br/gt17/t171.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. O ensino de Filosofia e discernimento no mundo contemporâneo: questões atuais. **Educação**, Santa Maria, v. 40, n. 1, p. 89-100 | jan./abr. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984644416517>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CARVALHO, J. S. F. O declínio do sentido público da educação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 89, p. 411-424, 2008. Disponível em: http://www.revolucoes.org.br/v1/sites/default/files/o_declinio_do_sentido_publico_da_educacao.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

CHAUI, Marilena. “Quem são os amigos da filosofia?”, in **Discurso**, no 12, 1980. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37886>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. **La invención del aula: una genealogía de las formas de enseñar**. Buenos Aires. Santillana, 1999.

HOMERO. **Odisseia**. 2ª ed. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. In: **Democratização da Escola Pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1992. cap 1. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAehikAH/libaneo>>. Acesso em 15/fevereiro/2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. A teoria do ensino para o desenvolvimento humano e o planejamento de ensino. **Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 353-387, maio/ago.

ANAIS I e II SEMANA DE FILOSOFIA

2016. Disponível em:

<http://seer.ucg.br/index.php/educativa/article/view/5391/2954>. Acesso em 18 de fev.2020.

RANGEL, Mary. **Métodos de ensino para aprendizagem e a dinamização das aulas**. 2. ed. Papirus, 2006.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia: para além da teoria da curvatura da vara. **Revista da ANDE**, São Paulo, v. 1, n. 3, 1982 p. 57-64. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1081409/mod_folder/content/0/Texto%20Escola%20e%20democracia.pdf?forcedownload=1. Acesso em 08 de janeiro de 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 4. ed.-. [s. l.]: Cortez, 1984
Saviani, Dermeval. **Epistemologia e teorias da educação no Brasil**. *Pro-Posições*, v. 18, n. 1(52), p. 15-27, jan./abr. 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação**. *Educ. Pesqui.* [online]. 2006, vol.32, n.3, pp.619-634. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000300013>.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **A Pedagogia e as grandes correntes filosóficas: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2002.